

BAIANOS NA ILHA GRANDE:

Uma análise sobre os fluxos migratórios destinados à Vila do Abraão

Rafaela Dettogni Duarte Paes ¹

Resumo

Este trabalho tem por objetivo realizar uma análise acerca dos fluxos migratórios de baianos para a Vila do Abraão, na Ilha Grande, distrito do município de Angra dos Reis, localizado no estado do Rio de Janeiro. Desenvolveremos neste artigo uma reflexão sobre as origens destas migrações, observando-as a partir da escala geográfica do espaço escolar existente nesta comunidade. Para tais encaminhamentos, torna-se necessária uma abordagem sobre a organização territorial da Ilha, sobretudo a partir do período em que se inicia o desenvolvimento de atividades turísticas, com o fim do presídio Candido Mendes, existente neste lugar até o ano de 1994, fator fundamental a organização destes movimentos migratórios.

Palavras – chave: migrações; baianos; Ilha Grande; Vila do Abraão

Introdução

A Ilha Grande constitui-se em um território insular, localizado no Estado do Rio de Janeiro, em sua costa sudoeste, pertencente ao município de Angra dos Reis e caracteriza-se como uma área geográfica dotada de atributos naturais excepcionais, inserida no bioma Mata Atlântica, que apresenta um dos maiores índices de biodiversidade de todo o estado, o que a torna uma das Unidades de Conservação mais relevantes do Rio de Janeiro. Para além dos atributos naturais, a Ilha Grande possui um patrimônio cultural de grande relevância histórica, apresentando sítios arqueológicos que nos dão notícia da antiguidade de sua ocupação pelas populações de caçadores-coletores que habitavam o litoral fluminense, além dos resquícios materiais e imateriais do presídio Cândido Mendes, implodido em 1994, assim como de outras edificações de importância histórica, tais como as ruínas de um velho aqueduto e do lazareto, fatores que tornam este território um dos destinos turísticos mais importantes de todo o Rio de Janeiro. (INEA, 2013)

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. E-mail de contato: rafaeladettogni@hotmail.com

A organização territorial da Ilha Grande e os fluxos migratórios em análise possuem uma intrínseca relação com o estabelecimento de sucessivas instituições de vigilância social que foram construídas neste lugar entre o final do século XIX e ao longo de todo o século XX. Durante o século XX, este território tornou-se lugar de desembarque e tratamento de imigrantes que possuíssem doenças contagiosas, como a cólera, buscando o isolamento destes indivíduos em relação aos espaços mais densamente ocupados do estado do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que as práticas de vigilância social se estabeleciam através da criação de infraestruturas que possuíssem arquitetura adequada a fiscalização, por meio de edifícios murados e distantes uns dos outros, que permitissem a vigilância contínua, assim como a instauração de uma guarda especializada para tais funções.

Ao longo do século XX e sobretudo após os avanços em higienistas propostos por Oswaldo Cruz, as antigas instalações do Lazareto e das fazendas que davam suporte ao hospital de quarentena perderam estas funções e tornaram-se úteis à vigilância social, tornando-se prisões para os que cometiam crimes “comuns” ou para aqueles que transgrediam a ordem política no Brasil. No ano de 1954, a Colônia Penal Cândido Mendes, antigo Lazareto, localizado na Vila do Abraão, foi fechada e demolida, o que levou a concentração de presos de todos os perfis criminais na Vila de Dois Rios (CADEI, M. 2004).

Este fato, entretanto, não permitiu uma reorganização significativa na territorialidade existente na Ilha Grande a partir de 1960. A hostilidade associada à manutenção do Presídio de Dois Rios criou um imaginário aterrorizante sobre a Ilha e sobre o cotidiano do lugar. Diversos são os relatos que retratam as condições de vida dos presidiários na Ilha, assim como das pessoas associadas à organização administrativa do presídio. A violência extrema, as péssimas condições infraestruturais do presídio, o domínio do Comando Vermelho (facção criminosa muito influente no país, com suas diretrizes e lideranças organizadas neste presídio a partir de 1970), a vigilância social existente em todo o território da Ilha Grande, tanto em relação aos moradores, quanto em relação aos visitantes, criaram um imaginário negativo para este lugar, o que perdurou até o início dos anos 2000. O “Caldeirão do Diabo”, nomenclatura dada ao presídio (CYPRIANO, A. 1993), foi implodido em 1994, sobretudo devido às condições precárias de infraestrutura, a violência cotidiana, aos custos para se administrar uma penitenciária insular, a construção da Rodovia Rio Santos, em 1970, fator que facilitou as fugas dos presidiários da Ilha Grande e a transferência de alguns presos para um novo complexo penitenciário construído em Bangu.

O presídio significou durante muito tempo a oferta de empregos à população local, assim como de moradias, até hoje ocupadas por famílias remanescentes desse período. Os moradores da Vila de Dois Rios, da Vila do Abraão, assim como de outras praias da Ilha, encontravam-se condicionados as vivências do presídio, o que fazia com que a vigilância permanecesse ao longo do tempo como um aspecto fundamental do cotidiano da Ilha Grande. As fugas recorrentes, o horário de reclusão destinado a todos os moradores, que se encontrou em vigência, até pelo menos 1994, período de encerramento do presídio, a fiscalização dos que desembarcavam no cais do Abraão, com destino à visita dos presidiários, o trabalho associado a este, entre outros aspectos, são relações não se desfizeram tão facilmente com o tempo e que ainda permeiam os imaginários sociais construídos na Ilha Grande, sobretudo àqueles referentes à ordem territorial e ao controle do espaço e da circulação de pessoas. É muito comum escutar relatos saudosistas do período do presídio com relação à fiscalização da entrada de pessoas na Ilha, sobretudo pelo avanço desenfreado do turismo.

1- O desenvolvimento do turismo e a ocorrência de fluxos migratórios

Após o fim do presídio, as narrativas associadas a Ilha Grande passaram a ser alteradas, sobretudo para o discurso relacionado ao meio ambiente e ao ecoturismo, crescente a partir dos anos 2000. Embora existam registros de turismo concomitantemente ao período do presídio, pode-se afirmar que este era incipiente, devido as condições já ressaltadas anteriormente.

Segundo Oliveira (2008) o turismo pode ser entendido enquanto um fenômeno sócio-econômico-cultural que acontece mediante a inter-relação entre o lugar existente em um universo tanto físico, quanto simbólico, o visitado, o visitante, e os serviços oferecidos para viabilizar a “visita”. A transformação de um lugar em “lugar turístico” cria uma complexidade de relações entre os atores sociais que sobrevivem e se identificam com a harmonia de um dado espaço físico, tornando-o um espaço da pluralidade das identidades, dos conflitos, das transformações, onde se materializa a dualidade entre percepção intrínseca e olhar exógeno, cabendo ao turismo o papel de indutor de novas identidades (IRVING, 2003, p.178 apud Oliveira, 2008)

O conceito de território estabelece uma relação intrínseca com a ideia de poder. Para Haesbaert (2004), o território pode ser concebido a partir da imbricação de múltiplas relações de poder, que vão desde o poder material das relações econômico-políticas, ao poder mais

simbólico das relações de ordem estritamente cultural. (HAESBAERT, 2004). Com relação as perspectivas de apropriação cultural e simbólica, o território pode ser marcado pela subjetividade expressiva, associada às ideias de espaço vivido (HAESBAERT, 2004), fazendo com que ele seja sempre um campo de forças, uma teia ou uma rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite e uma alteridade: a diferença entre nós (o grupo, os membros da coletividade ou ‘comunidade’, os *insiders*) e os ‘outros’ (os de fora, os estranhos, os *outsiders*) (SOUZA, 1995). Os territórios, portanto, se encontram marcados pelas territorialidades e identidades de certos grupos. Dessa maneira, a defesa de certas identidades em relação àquelas de outros atores sociais podem ser marcadas por relações de poder e como fonte de tensão social, possibilitando a formação de conflitos. Partindo dessa discussão, a alteração das territorialidades existentes na Ilha Grande após o fim do presídio de Dois Rios, permitiu o estabelecimento de uma nova conjuntura social neste lugar, assim como a redefinição dos imaginários sobre ele, por parte daqueles que vão em busca das atividades turísticas. Embora a memória do presídio e as relações associadas a fiscalização, ao controle e a visão negativa sobre os “de fora” ainda permaneçam, sobretudo por parte dos moradores mais antigos, a resignificação econômica da Vila do Abraão com o advento do turismo deu espaço à novas territorialidades e usos, assim como de novas identidades.

Com o desenvolvimento do turismo e a desarticulação da atividade pesqueira, houve um acréscimo populacional significativo na Ilha grande, sobretudo na Vila do Abraão. Prado (2003) aponta em suas pesquisas sobre a Ilha Grande as principais transformações sofridas. Segundo a autora, podem ser ressaltados: O processo de urbanização e especulação imobiliária, a mudar o perfil demográfico com o incremento migratório, que somado às políticas de preservação dos recursos naturais passou também a ser responsável pelo processo de marginalização, ou mesmo expulsão, das comunidades caiçaras; a densificação e excessos de todo tipo (gente, demandas, serviços, construções); os problemas de infraestrutura, assim como variações nas formas de percepção do turismo, onde este pode ser interpretado como algo bom para o lugar, uma vez que atrai divisas, ou como um fator negativo, pois traz o sentimento de invasão territorial, o que traria malefícios vindos de fora para a Ilha.

O turismo pode suscitar uma série de conflitos de interesses e diferenças de valores entre os grupos que ocupam o território da Ilha Grande. Prado (2013) argumenta que na Ilha, com o desenvolvimento do turismo, diversos segmentos sociais passaram a disputar o espaço

econômico, político, social, cultural neste território. Estes fatores deram lugar a disputas entre os grupos nativos e os “não nativos”, a disputas por território e trabalho entre os grupos anteriormente estabelecidos e os novos moradores (empregados e empresários do turismo), assim como uma série de disputas de valores sociais e culturais que ganham visibilidade no cotidiano do lugar.

2- Os fluxos migratórios direcionados ao distrito de Abraão

O turismo tornou-se um fator fundamental a transformação da ilha em um lugar atrativo para grupos de todos os lugares do país, tanto em relação a visitação, a prestação de serviços, quanto em relação ao estabelecimento de residência. Neste trabalho, por pretendermos realizar uma análise sobre os fluxos migratórios de baianos para a Vila do Abraão, vila central da Ilha Grande, torna-se necessária uma reflexão acerca da definição conceito de migração, assim como o de redes sociais da migração, que dão corpo e permitem explicar os deslocamentos populacionais de baianos para a Ilha Grande. Tradicionalmente, compreende-se enquanto migração o movimento de pessoas de uma área de destino da migração para outra (ou um movimento de alguma distância mínima) que foi realizado durante um intervalo migratório e que envolve a mudança de residência (LOBO, 2016; PATARRA, N.; CUNHA, J, 1987) ou como a mobilidade espacial da população, que reflete mudanças nas relações entre as pessoas (relações de produção) e entre essas e seu ambiente físico (BECKER, O. 2006).

A questão do trabalho se encontra nas raízes dos movimentos migratórios. Entretanto, ele não é o único fator capaz de explicar o deslocamento de pessoas, uma vez que a decisão de migrar é uma tarefa difícil, que possui um conjunto de mudanças sociais para o indivíduo e para o seu grupo familiar, como em relação aos laços estabelecidos nos lugares de origem, os vínculos de amizade, de apego a casa e a vida em comunidade. O indivíduo que migra, parte para um novo lugar motivado pela esperança e desejo de mudança de vida, de melhores condições de trabalho, ascensão social ou associado a alguma possibilidade de luta contra a pobreza. (BEAUJEU- GARNIER, 1980).

Segundo Eunice Durham, a migração não ocorre somente em função da miséria na sociedade de origem, mas da necessidade de melhoria social. (DURHAM, apud BRITO, F, 2007). Entretanto, para que o movimento migratório seja realizado, torna-se indispensável uma organização de relações primárias: família, parentes, vizinhança e amigos. É o grupo de

relações primárias que acumula as informações necessárias para reduzir os riscos inerentes à migração, ajudando a adaptação no lugar de destino e ao mesmo tempo, fazendo com que o migrante não dissolva os seus laços com a região de origem. (BRITO, F. 2007). Dessa maneira, por mais que a migração possa ser resultante de decisões individuais, ela passa por um processo social inerente à sociedade a qual este indivíduo se encontra inserido. Segundo Brito (2007) o indivíduo não migra sozinho, mas associado à família e articulado dentro de uma rede de interações sociais que facilita a sua integração nos lugares de destino.

As discussões propostas por Menezes (2002) em relação as redes sociais da migração tornam-se fundamentais as reflexões sobre a mobilidade de baianos estudadas neste trabalho. A constância do deslocamento para uma mesma região produtiva, a escolha daqueles que migram para o trabalho e as sociabilidades existentes no ambiente de destino encontram-se diretamente relacionadas aos laços sociais construídos ao longo da vida em família ou pela convivência comunitária. Os migrantes tendem a ser contratados para o trabalho com base nos conhecimentos que os “arregimentadores” possuem sobre o indivíduo em questão, como em relação aos seus comportamentos sociais, modo e disponibilidade para o trabalho, ou com base em relações interpessoais familiares. Dessa maneira, a migração encontra-se permeada pelos contatos sociais estabelecidos ao longo das trajetórias de vida desses migrantes. Assim, torna-se claro que as redes sociais da migração são fundamentais para a organização sócio-espacial dos fluxos migratórios.

O município de Angra dos Reis e o distrito municipal de Abraão encontram-se inseridos no contexto de transformação da organização das migrações internas no Brasil. O desenvolvimento de cidades médias, sobretudo devido a reorganização espacial da produção e do desenvolvimento dos sistemas de transportes, levou a uma alteração significativa acerca dos fluxos migratórios no país. O inchaço populacional nas grandes cidades, a grande reserva de mão de obra dentro dos espaços metropolitanos e o risco do insucesso na migração redirecionaram os fluxos de parte das migrações internas para as cidades não metropolitanas.

Seguindo esse encadeamento de ideias, Angra dos Reis, município não metropolitano no estado do Rio de Janeiro, tornou-se significativamente atrativo a partir da década de 1970, apresentando um crescimento populacional contínuo desde então. A criação de infraestruturas, como a Rodovia Rio Santos, a Usina Nuclear de Angra dos Reis, a instalação de um estaleiro (Verolme/Brasfels) e do terminal marítimo da Baía da Ilha Grande (TEBIG), da Petrobras, assim como o desenvolvimento do turismo, levaram a um significativo fluxo

migratório para esta cidade. A Vila do Abraão, na Ilha Grande, por ser um distrito municipal de Angra dos Reis, encontra-se diretamente influenciada por esses acontecimentos, sobretudo aos que dizem respeito ao desenvolvimento do turismo. Dessa maneira, entendemos que a mobilidade de migrantes baianos para a Ilha Grande se insere no atual contexto de organização das migrações internas no Brasil. Alinhado a isso, encontram-se as redes sociais da migração, que serão fundamentais nesse estudo de caso para explicarmos de maneira coerente os atuais fluxos migratórios. O migrante baiano, através de suas redes, se des-territorializa e se re-territorializa (HAESBAERT,2006). As relações interpessoais, portanto, são fundamentais para esse processo. Não é possível compreendermos esse fluxo migratório sem fundamentarmos que ambos os lugares, de saída e de origem, encontram-se conectados através das redes existentes.

Para realizarmos uma análise quantitativa da população residente ao longo das últimas décadas no Abraão, distrito municipal de Angra dos Reis, utilizaremos os dados fornecidos pela base SIDRA (Sistema IBGE de Recuperação Automática) do IBGE, assim como alguns microdados fornecidos pelo Banco Multidimensional de Estatísticas – BME, também do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Com base no censo, portanto, ao analisarmos as características da população de Angra dos Reis no ano de 1996, contabilizando pessoas do sexo feminino e masculino, totalizavam no município 92.115 habitantes e no Distrito Abraão, um total de 1.755 habitantes. Observando os dados do ano de 2010, Angra dos Reis passou a contar com 169.511 habitantes, e o Abraão, com 5.021. Dessa forma, pode ser afirmado um crescimento de cerca de 184% em relação a Angra dos Reis e de 286% em relação ao distrito do Abraão.

Com relação aos dados referentes a população de origem nordestina no Brasil, e os indicativos aos residentes desta origem geográfica no estado do Rio de Janeiro e no município de Angra dos Reis, podemos afirmar a ocorrência de um aumento da população nordestina no país, entre os anos 2000 e 2010, ao mesmo passo em que ocorreu uma redução da população originária dessa região vivendo no estado do Rio de Janeiro. De acordo com o Censo (IBGE), de um total de 12.088 habitantes originários da região nordeste residindo em Angra dos Reis no ano 2000, para 2010 passou a contar com 15.532 habitantes, o que representou um crescimento de 128% em relação a década anterior. Já o Estado do Rio de Janeiro sofreu com uma redução de 10,64% em relação ao ano 2000. Estas alterações podem ser explicadas pela saturação dos mercados de trabalho e redução da qualidade de vida,

principalmente nas metrópoles e regiões metropolitanas, o que tende a permitir uma migração de retorno aos estados de origem, no caso, para estados do nordeste brasileiro, (BRITO, F, 2007) ou a migração para cidades médias, como em relação ao município de Angra dos Reis.

O Gráfico 1 nos permite visualizar os resultados da amostra fornecida pelo Banco Multidimensional de Estatísticas – BME, do IBGE, acerca do quantitativo de população residente no Distrito Abraão, município de Angra dos Reis, se referindo respectivamente aos anos 1991, 2000 e 2010, diferenciando a frequência de população originária de todas as unidades da federação, com exceção do estado do Rio de Janeiro, onde se localiza o distrito em análise, fazendo distinção entre o quantitativo de homens e de mulheres migrantes originários de cada um dos estados que aparecem na amostra.

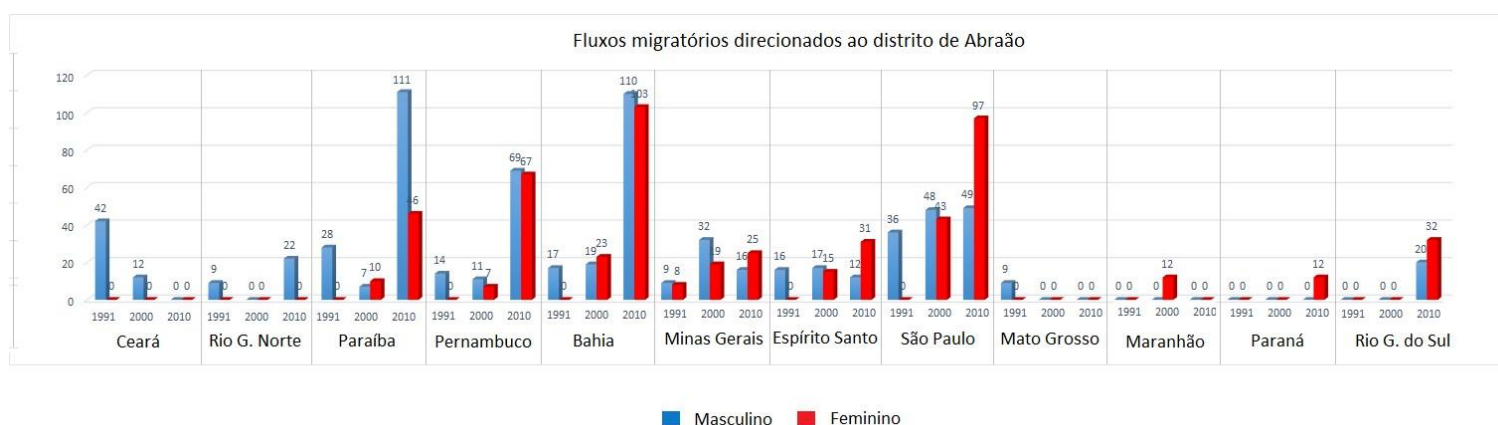


Gráfico 1: Fluxos migratórios direcionados ao distrito de Abraão

Fonte: BME – IBGE, 2018. Elaboração: Rafaela Dettogni

No ano de 1991, os migrantes originários do estado do Ceará eram os mais representativos segundo a amostra do BME, seguidos dos migrantes de São Paulo e da Paraíba. Os baianos ocupavam o 4º lugar da amostra, com um total de 17 habitantes, correspondendo a 9% dos dados populacionais levantados pela pesquisa. Já no ano 2000, os dados apurados apontam um crescimento da população originária do estado de São Paulo, que passou a ocupar o primeiro lugar, seguida dos migrantes de Minas Gerais. Os migrantes Baianos também passaram por um crescimento populacional, ocupando o terceiro lugar da amostra, que totalizou 42 habitantes, 15% da população em questão. No ano de 2010 os baianos passaram a representar o maior quantitativo de população migrante no distrito do Abraão, segundo o BME. Eles totalizaram nesta pesquisa 231 habitantes, 28% da população.

Em segundo lugar encontravam-se os migrantes de Minas Gerais, com 146 habitantes, seguidos dos originários do estado da Paraíba, 157 habitantes e de Pernambuco, com 156 pessoas, representando respectivamente 16% da amostra.

Os fluxos migratórios de baianos, portanto, tenderam a um crescimento significativo ao longo das três décadas analisadas por meio dessas amostras, configurando-se enquanto o grupo mais relevante no distrito. Com relação ao perfil desta população, no ano de 1991, 100% dos migrantes que aparecem nos dados coletados eram do sexo masculino. Essa situação se altera no ano 2000, onde o número de mulheres passa a ser maior do que de homens, embora haja uma certa equidade entre os dois sexos. Neste ano foram contabilizados 19 homens e 23 mulheres. No ano de 2010 o número de homens se eleva em relação ao de mulheres, embora ainda haja um equilíbrio entre ambos os sexos. Os dados contabilizaram um total de 103 mulheres e 110 homens neste período.

Utilizando o atributo de observação da migração a partir da escala geográfica da escola municipal Brigadeiro Nóbrega, localizada na Vila do Abraão, podemos perceber que a presença de migrantes originários da Bahia é um fenômeno constante e crescente neste lugar. As informações contidas nas matrículas escolares se configuram enquanto um meio de desvendarmos a origem dos migrantes que se direcionam a Ilha Grande, tanto em relação aos estados do país, quanto em relação as principais cidades dos fluxos migratórios. Dessa maneira, realizamos um exaustivo levantamento de dados, contabilizando um total de 18 anos de matrículas na Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, no intervalo temporal dos anos 2000 a 2018.

A tabela 1 representa a síntese das cidades que aparecem enquanto origem dos alunos que se matricularam ao longo de 18 anos na Escola municipal em questão. Dividimos a tabela em regiões para facilitar o entendimento sobre o perfil dos fluxos.

Tabela 1- Estado e cidade de origem dos matriculados na Escola municipal Brigadeiro Nóbrega, entre os anos 2000 e 2018

Região	Estado/Cidade	Total por estado	Região	Estado/Cidade	Total por estado
Região Nordeste	AL- MACEIÓ	3	Região Norte	AM- PRESIDENTE FIGUEIREDO	1
	AL- PASSO DE CAMARAGIBE			PA- BELÉM	1
	AL- SÃO LUIS DO QUITUNDE			PI - TERESINA	1
	BA- BELMONTE	24	Região Sudeste	ES- BREJETUBA	4
	BA- CAIRU			ES- CACHOEIRO DE ITAPEMERIM	
	BA- CAMAÇARI			ES- CARIACICA	
	BA- CAMAMU			ES- ITAPEMERIM	
	BA- CANAVIEIRAS			ES- VITÓRIA	9
	BA- CRUZ DAS ALMAS			MG- AIMORÉS	
	BA- EUNÁPOLIS			MG- BARBACENA	
	BA- GANDU			MG- BETIM	
	BA- IBIRAPITANGA			MG- CAXAMBU	
	BA- IGRAPIÚNA			MG- CURVELO	
	BA- ILHEUS			MG- DOM SILVÉRIO	
	BA- ITABUNA			MG- MARIANA	
	BA- ITAMBÉ			MG- MURIAÉ	
	BA- ITUBERÁ			MG- OLIVEIRA	32
	BA- NILO PEÇANHA			RJ - SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA	
	BA- POJUCA			RJ- ANGRA DOS REIS	
	BA- PRESIDENTE TANCREDO NEVE			RJ- ARARUAMA	
	BA- SALVADOR			RJ- BARRA DO PIRAÍ	
	BA- TAPEROÁ			RJ- BARRA MANSÁ	
	BA- TEOLANDIA			RJ- BELFORD ROXO	
	BA- UNA			RJ- CABO FRIO	
	BA- VALENÇA			RJ- DUQUE DE CAXIAS	
	BA- VITÓRIA DA CONQUISTA			RJ- ITABORAÍ	
	BA- WENCESLAU GUIMARÃES			RJ- ITAGUAI	
	CE- ALTANEIRA	RJ- MACAÉ			
	CE- FORTALEZA	RJ- MAGÉ			
	CE- POTENGI	RJ- MANGARATIBA			
	CE- QUIXADÁ	RJ- MARICÁ			
	MA - SÃO MATHEUS DO MARANHÃ	RJ- NILÓPOLIS			
	MA- ARAIOSES	RJ- NITERÓI			
	MA- COROATA	RJ- NOVA IGUAÇU			
	MA- PAULINO NEVES	RJ- PARACAMBI			
	MA- SÃO LUIS	RJ- PARAÍBA DO SUL			
	MA- TUTOIA	RJ- PARATY			
	PB- ALAGOA GRANDE	RJ- PETRÓPOLIS			
	PB- ALAGOINHA	RJ- PIRAÍ			
	PB- CACIMBA DE AREIA	RJ- RESENDE			
	PB- CAPIM	RJ- RIO CLARO			
	PB- JOÃO PESSOA	RJ- RIO DAS FLORES			
	PB- JUNCO DO SERIDÓ	RJ- RIO DE JANEIRO			
PB- MALTA	RJ SÃO GONÇALO				
PB- MAMANGUAPE	RJ- SÃO JOÃO DA BARRA				
PB- PATOS	RJ- SÃO JOÃO DE MERITI				
PB- RIO TINTO	RJ- TRES RIOS				
PB- SANTA LUZIA	RJ- VASSOURAS				
PB- SOLEDADE	RJ- VOLTA REDONDA				
PB- TAPEROÁ	SP- CAMPOS DO JORDÃO	17			
PE- ALIANÇA	SP- CARAGUATATUBA				
PE- CABO DE SANTO AGOSTINHO	SP- CARAPICUÍBA				
PE- CAMARAGIBE	SP- DIADEMA				
PE- CONDADO	SP- GUARULHOS				
PE- ESCADA	SP- ILHA BELA				
PE- GOIANA	SP- ITAPECERICA DA SERRA				
PE- ITAQUETINGA	SP- PRAIA GRANDE				
PE- JABOTÃO DOS GUARARAPES	SP- RIBEIRÃO PRETO				
PE- NAZARÉ DA MATA	SP- SANTA ROSA DO VETERBO				
PE- OLINDA	SP- SANTOS				
PE- PAUDALHO	SP- SÃO JOÃO DA BOA VISTA				
PE- RECIFE	SP- SÃO JOSÉ DOS CAMPOS				
PE- SÃO LOURENÇO DA MATA	SP- SÃO PAULO				
RN- ALEXANDRIA	SP- TABOÃO DA SERRA				
RN- NATAL	SP- TATUÍ				
RN- PARNAMIRIM	SP- TREMEMBÉ				
SE- ARACAJU	PR- DIAMANTE DO NORTE	3			
DF- BRASÍLIA	PR- ICARAIMA				
MS- BONITO	PR- SÃO MATHEUS DO SUL				
REGIÃO CENTRO OESTE	MS- CAMPO GRANDE	5	REGIÃO SUL	RS- PORTO ALEGRE	1
	MS- CORUMBÁ			SC- FLORIANÓPOLIS	3
	MS- DOURADOS			SC- JOINVILLE	
	MS- MIRANDA				

FONTE: Matrículas fornecidas pela Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega/2018. Elaborado por: Rafaela Dettogni

A partir desses dados, portanto, torna-se clara a percepção de que as duas grandes regiões de origem das migrações são: a própria região sudeste, com fluxos procedentes dos deslocamentos internos no estado do Rio de Janeiro, assim como os oriundos dos estados de São Paulo e de Minas Gerais; e a região nordeste, onde as cidades da Bahia ganham um enorme destaque em relação as migrações originárias dos outros estados desta macrorregião brasileira. Ao compararmos os dados das matrículas escolares àqueles apontados pelas amostras do BME, podemos deferir a existência de uma coerência entre ambos, deixando clara a grande presença de migrantes baianos na Vila do Abraão

Com relação as cidades do estado da Bahia que aparecem nos dados das matrículas, averiguamos que os fluxos são originários dos seguintes municípios: Belmonte, Cairu, Camaçari, Camamu, Canavieiras, Cruz das Almas, Eunápolis, Gandu, Ibirapitanga, Igrapiúna, Ilhéus, Itambé, Ituberá, Nilo Peçanha, Pojuca, Presidente Tancredo Neves, Salvador, Taperoá, Teolândia, Una, Valença, Vitória da Conquista e Wenceslau Guimarães, segundo os dados referentes as matrículas da Escola Municipal Brigadeiro Nóbrega, contabilizados entre os anos 2000 e 2018.

O estado da Bahia possui um total de 417 municípios. Através das análises das matrículas escolares e da identificação das cidades mais expressivas em relação as migrações originárias deste estado, torna-se possível questionarmos: Quais são os municípios que se destacam em relação a essas migrações? Ocorrem disparidades em relação aos fluxos por município? Há a configuração de uma rede migratória? É possível que os migrantes provenientes desses municípios possuam vínculos sociais baseados em relações familiares, amizade ou de proximidade pelo trabalho com os migrantes provenientes de outras cidades da Bahia, influenciando no direcionamento das migrações para a Ilha Grande?

Figura 1- Localização das cidades de origem dos migrantes para a Vila do Abraão



FONTE: Google Earth/ Matrículas escolares da EMBN. Elaborado por: Rafaela Dettogni

A imagem de satélite, figura 1, apresenta a localização geográfica das cidades em que se originam os fluxos migratórios provenientes da Bahia. Ao analisarmos a distribuição espacial destes municípios, é possível percebermos que, em maioria, estes são contíguos ou apresentam uma significativa proximidade espacial, e além disso, a maioria das cidades se concentram na faixa litorânea do estado da Bahia, o que nos permite considerar que estes movimentos migratórios, origem e destino, se configuram entre espaços litorâneos. Os dados referentes as matrículas escolares que foram avaliados durante o processo de pesquisa permitiram ressaltar pela intensidade dos fluxos ao longo dos anos, que as cidades mais expressivas em relação aos fluxos migratórios destinados a Vila do Abraão são: Valença, Salvador, Camamu, Vitória da Conquista e Wenceslau Guimarães. Dessa maneira, realizando este diagnóstico sobre as origens das migrações, torna-se viável questionarmos a possibilidade

de existência de uma rede social da migração, uma vez que estes deslocamentos populacionais se tornaram constantes e expressivos ao longo das últimas décadas.

Conclusões

O desenvolvimento de atividades turísticas na Ilha Grande pode ser analisado enquanto um fator fundamental à reorganização territorial deste lugar e ao estabelecimento de fluxos migratórios de baianos e de outros grupos provindos de todas as regiões do Brasil. O fim dos presídios possibilitou a “abertura” econômica da Ilha, fomentando novas possibilidades para a circulação de pessoas, de uma maneira muito mais fluida e longe de todos os critérios de fiscalização que vigoraram até 1994, período que marca o fim do presídio. Dessa maneira, o desenvolvimento do “ecoturismo” na Ilha, sobretudo polarizado pela centralidade da Vila do Abraão, levaram a uma reorganização espacial, a construção de infraestruturas, a geração de ofertas de emprego associadas as novas dinâmicas econômicas, atraindo muitos migrantes para a Ilha.

Com base nos dados fornecidos pelo IBGE e pelas matrículas escolares analisadas, podemos afirmar a presença do grupo de baianos e que estes são os grupos mais expressivos em relação as migrações internas do Brasil, direcionadas a Ilha Grande. As cidades de Valença, Salvador, Camamu, Vitória da Conquista e Wenceslau Guimarães se destacam em relação as principais origens dos fluxos migratórios, e nos levam a inferir que há uma grande possibilidade de existência de uma rede migratória, baseada em relações comunitárias e familiares organizadas e estabelecidas desde a Bahia, que direcionam os fluxos para a Vila do Abraão e dão suporte aos indivíduos ou grupos que desejam realizar a migração.

Embora exista uma reorganização fundamental com relação a fiscalização, é possível perceber na Vila do Abraão, discursos discriminatórios em relação aos indivíduos que realizaram a migração, presentes em todos os ambientes do cotidiano da Ilha Grande, como na escola. Aos baianos recaem os estereótipos da burrice, da violência, da insegurança do lugar, do inchaço populacional, reforçando a ideia de que o “mal vem de fora”, tal como no período das instituições prisionais, o que causa um enorme desconforto para estes grupos com relação as suas identidades sociais, criando conflitos de cunho territorial-identitário neste lugar.

Referências bibliográficas

- BEAUJEU-GARNIER, J. Geografia de População. Tradução: Leônidas Gontigo de Carvalho. 2ª ed, São Paulo: Editora Nacional,1980, p. 249
- BECKER, Olga M. S. Mobilidade Espacial da população: conceitos, tipologia, contextos. In. CASTRO, Iná E. de, GOMES, Paulo Cesar da C., CORRÊA, Roberto L. Explorações Geográficas. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006, p. 319-367
- BME. Banco Multidimensional de Estatísticas. IBGE. 2018
- BRITO, FAUSTO. CELADE de Migracion Interna, Brasília, 2007: Urbanização, metropolização e mobilidade espacial da população um breve ensaio além dos números.
- CADEI, M. A promoção da saúde ambiental e as práticas sociais em vila dois rios, ilha grande, RJ: a contribuição da educação ambiental na criação de ambientes favoráveis à saúde. Rio de Janeiro. 2004.
- CYPRIANO, André. O caldeirão do diabo. Rio de Janeiro: Cosacnaify, 2001.
- HAESBAERT, R. Des-territorialização e identidade: a rede gaúcha no Nordeste. 1997.(2006),
- HAESBAERT, R. O mito da desterritorialização. Do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro, Betrand Brasil, 2004.
- INEA. Plano de manejo Parque Estadual da Ilha Grande- PEIG. Resumo Executivo. 2013.
- MENEZES, M. *Redes e enredos nas trilhas dos migrantes. Um estudo de famílias cde camponeses- migrantes.* 2002
- OLIVEIRA, L. ECOTURISMO NO PARQUE ESTADUAL DA ILHA GRANDE - RJ: refletindo o contexto atual a partir do olhar dos “badjecos”. Rio de Janeiro. 2008.
- PATARRA, N.; CUNHA, J. Migração. Um tema complexo. 1987. Popular: UNESP. Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2008.
- PRADO, R. Tensão no paraíso. Aspectos da intensificação do turismo na Ilha Grande. Caderno Virtual do Turismo. Volume 3 nº 1. 2003.
- SIDRA (Sistema IBGE de Recuperação Automática). IBGE.2018